



Fátima Oliveira: Uma das pioneiras da bioética no Brasil



Autores

Nivaldo dos Santos Arruda

Pontificia Universidad Católica de Puerto Rico
Email: arrudarudy@gmail.com

Mário Antonio Sanches

Pontificia Universidad Católica de Puerto Rico
Email: m.sanches@pucpr.br



1. Introdução

Fátima Oliveira (1953-2017) foi uma médica, feminista emancipadora, escritora e bioeticista que dedicou sua vida na luta dos direitos reprodutivos da mulher negra e muito contribuiu com o estudo da Saúde da População Negra no Brasil. Foi uma das fundadoras da Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Sexuais Reprodutivos. Esteve à frente na criação do SUS-Sistema Único de Saúde no Brasil, do Programa Nacional de Anemia Falciforme e demonstrou certo pioneirismo nas leituras, discussões e publicações de livros e vários artigos de relevância sobre Bioética.

2. Infância e adolescência

Fátima Oliveira nasceu em 1953, em Graça Aranha, pequeno município do Maranhão, Região Nordeste do Brasil, filha de mãe negra e pai branco, uma família de pequenos proprietários rurais. Seu pai um pequeno comerciante e seu avô materno dono de açougue e pequeno fazendeiro.

Por ser a primeira neta, conforme uma tradição familiar sua mãe, para o seu nascimento foi morar na casa de seus pais. E lá, mesmo depois do nascimento, mãe e filha permaneceram morando durante um ano. Depois seu pai resolveu também fixar residência em Graça Aranha, mas, ao invés de ir morar com seus pais, Fátima continuou morando com os avós.

Em 1961, a garota Fátima, então com oito anos de idade, observava uma cena quase diária e, não obstante, sempre angustiante. Da janela de sua casa ela assistia uma procissão a caminho do cemitério. O caixãozinho azul segue à frente dos adultos com sombrinhas sob o sol inclemente. A avó da menina tenta confortá-la: “É enterro de um anjinho. Ele vai direto para o céu” (Pompeu, 2005)¹. A garotinha não conseguia conter o choro, assustada com tantas mortes. Naquela mesma semana, a mãe de uma colega morreu de parto. Com aquelas imagens gravadas em sua mente, a garota Fátima Oliveira decidiu que seria médica para lutar contra mortes evitáveis de crianças e de gestantes.

Seu pai morreu quando Fátima tinha dez anos, deixando sua mãe viúva com 25 anos e sete filhos! No ano seguinte à morte do pai, em 1964, foi estudar em outra cidade, pois, o estudo para seu avô era essencial. O “paivelho”, como costumava chamá-lo, embora fosse um senhor sem formação escolar, dava muita importância a ela, achava que a educação era um bem importante.

Seu avô afirmava, por ser uma família de pretos e pobres, que era pela educação que eles, seus netos, se tornariam importantes, porque o dinheiro acaba, mas o saber ninguém retira. Então, foi com esse pensamento que o “paivelho” fez com que todos os

¹ Pompeu, Fernanda. In *Projeto Mil Mulheres pela Paz*. Publicado no livro: *Brasileiras Guerreiras da Paz*. Fátima Oliveira dos 1000 legados-2005; Geledés. Disponível em < <https://bit.ly/3tK0wVD> > acesso em 02/01/2021.



netos estudassem. A diferença, no caso de Fátima, é que ela foi enviada muito cedo para uma escola interna.

Suas primeiras letras aconteceram quando estava com seis anos, chegou um professor que montou uma escola particular na cidade, era o professor Izídio. Uma escola que funcionava num galpão e os alunos levavam suas cadeiras. As classes eram todas juntas. Foi, portanto, na escola do professor Izídio, que Oliveira aprendeu a ler e a escrever.

Mas, foi no município de Colinas, que havia uma escola muito famosa, denominada “Colégio Colinense” – que era a escola do padre Macedo, onde estudavam todos os filhos de ricos de toda aquela região do Médio Sertão. Foi no Colégio Colinense que Fátima afirma ter ficado impactada com a teoria da evolução. Segundo ela, com umas duas ou três páginas em seu livro de ciências foi suficiente para achar aquilo maravilhoso. Também foi nesse período que Oliveira teve suas primeiras experiências sociais e política, quando foi trabalhar em uma comunidade com as irmãs religiosas no Bairro de Fátima na Pastoral da Mulher Marginalizada. O trabalho consistia em dar assistência às prostitutas e a seus filhos(as), conseguindo consultas e remédios e até alimentação quando as mães sentiam mais dificuldades.

Fátima formou-se em Medicina em 1978, com 24 anos, pela Universidade Federal do Maranhão. E foi durante o curso de medicina que ela despertou também para a consciência racial, pois, os negros no curso eram minoria, visto que havia só três negros na turma de sessenta alunos.

3. O Pioneirismo de Fátima Oliveira

Sua trajetória de vida e em seu ativismo, Fátima Oliveira sempre esteve à frente, sendo pioneira em várias atividades enquanto mulher, pesquisadora e publicações sobre genética, saúde da mulher, saúde da população negra e bioética.

Foi fundadora da Associação Médica de Imperatriz (Estado do Maranhão), e em todo tempo que residiu na cidade, sempre foi da diretoria. No movimento de mulheres também abriu caminhos pautando o feminismo e as discussões sobre saúde e outros temas voltados à situação da mulher. Participou da criação da União de Mulheres de Imperatriz e realizou um evento importante sobre “A Mulher e a Constituinte”, também na Associação Médica de Imperatriz.

Chegando em São Luís, capital do Maranhão, em 1987, participou da União de Mulheres de São Luiz, época em que conheceu as integrantes do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza. Foi neste momento que retomou contatos mais próximos com o Movimento Negro através do Mãe Andreza e, evidentemente, toda a movimentação, naquele momento, foi marcada como o período em que as mulheres negras começaram a se organizar em âmbito nacional com maior visibilidade, já com a participação de Fátima Oliveira.

Quando ela mudou para morar em Belo Horizonte (Estado de Minas Gerais), em fevereiro de 1988, se inseriu imediatamente no Movimento Popular da Mulher (MPM).



Seguiu-se, naquele ano, as discussões da Constituinte Estadual, a Lei Orgânica da cidade de Belo Horizonte. Em todas essas atividades, Fátima Oliveira participava, sendo eleita, em 1989, presidenta do Movimento Popular da Mulher (MPM). Assim, com sua escolha para presidir o MPM, Oliveira torna-se a primeira mulher negra a dirigir uma organização feminista no Brasil.

Participou de toda a mobilização para o I Encontro de Mulheres Negras e também da primeira reunião que discutiu a criação da Rede Feminista de Saúde. Fato inusitado, pois a discussão aconteceu debaixo de uma árvore, no XI Encontro Nacional Feminista, em Caldas Novas, GO, 1991. Em 1992 ela entrou na Rede Feminista de Saúde (RFS). Na RFS, Oliveira lembra que se empenhou em sua construção, tendo sido da Comissão de Ciência, Tecnologia e Ética e da organização do 8.º Encontro Internacional Mulher e Saúde (1997).

Em Belo Horizonte, em 1996, coordenou a Regional de Minas Gerais da RFS até maio de 2002. Desde 1996 integrou a direção nacional da Rede (Conselho Diretor). No 7.º Encontro da Rede (Caeté, 2002) foi eleita Secretária Executiva para um mandato de quatro anos.

Assim, percebe-se que Fátima Oliveira foi pioneira em todas as frentes que militou, seu comprometimento com as bandeiras que defendia, sempre se dedicou com muita responsabilidade. Ela levou este pioneirismo também para a sua gestão na área Técnica da Saúde da Mulher do Ministério da Saúde.

4. Fátima Oliveira como médica e bioeticista

Em Fátima Oliveira não é possível separar a sua vivência de bioética da sua prática médica em prol da população negra e a bioeticista. Sua atuação começa ser orquestrada de modo mais organizado e visível, como um trabalho político e científico, na década de 1990. Conforme suas observações, esse foi um trabalho realizado a muitas mãos, oriundas de diferentes setores, a saber: um número reduzido de pesquisadores (as) e ativistas antirracistas que se apropriaram de saberes disperso e, ao mesmo tempo em que desenvolviam suas sistematizações e análises, exerciam pressões políticas sobre as escolas de saúde e o governo brasileiro.

Percebe-se que não se tratava de grupo orgânico formado especificamente para pesquisar, estudar e sistematizar, embora sendo uma área de estudos e pesquisas necessária e reconhecida, mas ainda em elaboração e, desde o início enfrentando todo tipo de dificuldades e problemas, também por se tratar da saúde da população negra, desde a década de 1990 e ainda hoje, tem sobrevivido em meio a polêmicas.

Em todos esses movimentos em torno da saúde da população negra, sempre esteve relacionado à observância racial/étnica, por razões multifatoriais. Em todo processo e demandas apresentadas, com exceção da anemia falciforme, nenhuma outra doença até meados da década de 1990 teve o seu recorte racial/étnico reconhecido.

Outro dado importante a partir das pressões exercidas foi a publicação e a disponibilização na internet, em julho de 2001, do *Manual de Doenças mais Importantes, por*



*Razões Étnicas, na População Brasileira Afrodescendente*² que, de certa forma oficializa e legitima o campo, por ser uma publicação do Ministério da Saúde.

Oliveira concebeu a bioética, como a “nova cara da ética”, cujo objetivo geral seria a busca de benefícios e da garantia de integridade do ser humano, tendo como fio condutor o princípio básico da defesa da dignidade humana. Isto é, os “assuntos quentes” ou prioritários com que a bioética se ocupa atualmente, e que ela chamou de direitos reprodutivos, seria: “Concepção, contracepção, esterilização, aborto, infertilidade e novas tecnologias reprodutivas conceptivas, sexualidade, acesso aos meios de manutenção da saúde e da vida, saúde pública, doentes terminais, eutanásia e as manipulações genéticas” (Oliveira, 1997, p. 47).

Ademais, a bioética além de um movimento social voltado à ética nas ciências biológicas e áreas correlatas, deveria ser também, segundo a autora, uma disciplina norteadora de teorias para o biodireito e para a legislação, com finalidade de assegurar mais humanismo nas ações do cotidiano das práticas médicas e nas experimentações científicas que utilizam seres humanos.

Contudo, essa tripla faces entre disciplina, movimento social e Movimento Bioético, poderiam conferir à bioética a peculiaridade de ser, ao mesmo tempo, uma reflexão que impactaria sobre as implicações sociais, econômicas, políticas e éticas dos novos saberes biológicos e ação com objetivo de estabelecer um novo contrato social entre sociedade, cientistas, profissionais de saúde e governos, sobre os problemas do presente e as perspectivas de futuro.

Assim Fátima Oliveira se torna uma das primeiras mulheres bioeticistas no Brasil, com estudos profundamente marcados pela saúde da população negra e saúde da mulher. Sempre envolvida em atividade política ela apresenta uma produção que aborda amplo escopo: Engenharia genética, bioética e cidadania, bioética feminista, saúde da mulher, bioética e direitos reprodutivos, entre outros.

5. Conclusão

Conclui-se assim, que de acordo com nossas reflexões acima, a personalidade pesquisada, médica, feminista, escritora e bioeticista Fátima Oliveira, foi sem dúvida a mulher que viveu além do seu tempo. Em sua trajetória, demonstrou o seu pioneirismo em todos os momentos de sua vida, que só reforçou sua fidelidade na busca dos ideais e comprometimento com sua práxis ancestral e o fazer bioético no Brasil, abrindo perspectivas epistemológicas para novos estudos e pesquisas pautadas nos seus referenciais sobre bioética e saúde da população negra. É, portanto, um grande nome da Bioética Brasileira.

2 Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Manual de doenças mais importantes, por razões étnicas, na população brasileira afrodescendente* / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_eticas.pdf acesso em 13/01/2021.



6. Suas principais obras:

- Oliveira, F. (1995). *A Ideologia racista chora: o DNA ditador é uma miragem. Ideias, a luta contra o racismo na rede escolar*. São Paulo: Fundo para o Desenvolvimento da Educação.
- Oliveira, F. (1995). *Engenharia Genética: O sétimo dia da criação: Coleção Polêmica*. Ilustração Marcio Perasolo; São Paulo:
- Oliveira, F. (1995). *Feminismo, luta antirracista e bioética*. Cadernos Pagu, (5), 74-76.
- Oliveira, F. (1995). *Por uma Bioética não sexista, anti-racista e libertária*. *Estudos Feministas*, 331(2). <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16444/15025>
- Oliveira, F. (1997). *Bioética: uma face da cidadania: Coleção Polêmica*. São Paulo: Editora Moderna.
- Oliveira, F. (1998). *Opressão de gênero, feminismo e bioética: algumas considerações para o debate*. Mesa Redonda Gênero e Bioética. Rede Argentina de Gênero, Ciência e Tecnologia. Buenos Aires: Argentina.
- Oliveira, F. (1999). *O recorte racial/étnico e a saúde reprodutiva: mulheres negras*. En S. Costa e K. Giffin (orgs.), *Questão de saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Fio Cruz/Ford.
- Oliveira, F. (2001). *NÓS, Mulheres Negras: Diagnóstico e Propostas – articulação de organizações de Mulheres Negras Brasileiras rumo à III Conferencia Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância*.
- Oliveira, F. (2002). *ENSAIO O “estado da arte” da Reprodução Humana Assistida em 2002 e clonagem e manipulação genética humana: mitos, realidade, perspectivas e delírios, inicialmente sistematizados como aulas, foram apresentados no Seminário Biotecnologia: implicações éticas e teológicas*. Brasília: Ministério de Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher.
- Oliveira, F. (2002). *Saúde da População Negra-Brasil – ano 2001*. Brasília: Ministério da Saúde-Impresso no Brasil.